

Carolina Maria de Jesus

Textos selecionados

Sonhei

Sonhei que estava morta
Vi um corpo no caixão
Em vez de flores eram livros
Que estavam nas minhas mãos
Sonhei que estava estendida
No cimo de uma mesa
Vi o meu corpo sem vida
Entre quatro velas acesas

Ao lado o padre rezava
Comoveu-me a sua oração
Ao bom Deus ele implorava
Para dar-me a salvação
Suplicava ao Pai Eterno
Para amenizar o meu sofrimento
Não me enviar para o inferno
Que deve ser um tormento

Ele deu-me a extrema-unção
Quanta ternura notei
Quando foi fechar o caixão
Eu sorri... e despertei.

(Antologia pessoal, p.174).

Muitas fugiam ao me ver
pensando que eu não percebia
Outras pediam para ler.
Os versos que eu escrevia
Era papel que eu catava
para custear o meu viver.
E no lixo eu encontrava
livros para eu lêr
Quantas coisas eu quiz fazer
Fui tolhida pelo preconceito
Se eu extinguir quero renascêr
Num país que predomina o preto.

Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E dêixo êstes versos ao meu país
se e que temos o direito de renascer
Quero um lugar, onde o preto é feliz

[...]

1 de novembro de 1958

Dêixei o lêito as 5 e 44. E fui carregar agua. Não havia fila.

Mandei o João comprar 10 de pão e Fiz café. O João e o José Carlos saíram comigo. Fui no Frigorífico Incapre pegar os ossos. Depôis fui na Pedacha. Não ganhei porque já havia acabado. Depôis fui no deposito de ferro vender uns ferros. Ganhei 23. Passei na padaria guine a Dona Madalena deu-me bananas pão docê 15 paes docê. Pedacos de queijo presunto, e salame. Fiquei contente. Achei um saco de fuba no lixo e trouxe para dar ao porco. Eu ja estou tao habituada com as latas de lixo que não sei passar por elas sem ver o que ha dentro.

Hoje eu não fui catar papel porquê sei que não vou encontrar nada. Tem um velho que circula na minha frente. Hontem eu li aque fabula da rã e a vaca

Tenho a impressão que sou rã. Que queria crescer ate ficar do tamanho da vaca – Eu desêjei varios empregos. Não acêitaram-me por causa da minha linguagem poetica. porisso eu não gosto de conversar com ninguém.

Hoje eu fu pidir esmola.

(*Meu estranho diário*, p. 33, 38).

O Sócrates africano*

No ano de 1937, o meu avô adoeceu-se. Queixava-se que sentia dores nos rins. Mas naquela época a medicina estava no embrião. Os que adoeciam não tinham possibilidades para prolongarem suas existências. Os filhos reuniram-se procurando auxiliá-lo, nos fins de sua estadia aqui na terra. Várias pessoas iam visitar o enfermo que ficava contente dizendo:

– Se eles vêm me visitar, é porque gostam de mim. É que eu soube viver! Não fui mau elemento. Não prejudiquei o próximo. Ele estava fazendo um exame de consciência para ver se descobria algumas falhas para pedir perdão ao nosso Deus, se foi injusto. Já que o meu avô estava morrendo, ele era autoridade suprema naquela casa. Quando ele falava, nós ouviamos com todo respeito porque, quando ele falava, nós aprendíamos alguma coisa. Ele não falava banalidades. Ele dizia: é tão bom morrer. Mas eu não tenho permissão para vos relatar o que vejo para não lhes gerar confusões mental.

Minha mãe dizia que ele estava delirando. Tinha momentos que ele ficava quieto, e nós pensávamos: ele morreu! E nós as netas, que éramos dez, invadíamos o quarto gritando: – Não morre vovô: não morre vovô. Se ele estava dormindo despertava e nos dizia: – Meus filhos, já fazem nove anos que estou devendo um rolo de arame para o senhor José Rezende. Devo-lhe trinta mil réis. Vocês paga-o para mim. O homem deve ser honesto.

Quando o vovô silenciou-se o meu tio Antonio acendeu uma vela e pegou um crucifixo, e pôs nas mãos do vovô, ele abriu os olhos e nos disse: – Quando a minha mãe morreu, eu, sou o seu filho mais novo, sou o caçula, pus a vela nas suas mãos. E agora o Antonio que é o meu caçula põe a vela nas minhas mãos. Um filho não

* A presente versão apresenta algumas alterações em termos de acentuação e pontuação se comparada ao original constante do volume *Cinderela negra*, organizado por José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine.

deve auxiliar o seu pai a morrer. Enfim tudo o que fazemos pagamos. Eu era menino, queria brincar com os meus primos que eu não os conhecia porque eles eram da roça. E queria ficar perto do vovô para ouvi-lo falar.

Os homens ricos iam visitá-los, e ficavam horas e horas ouvindo-o. E saiam dizendo: – foi uma pena não educar este homem. Se ele soubesse ler, ele seria o homem. Que preto inteligente. Se este homem soubesse ler poderia se o nosso Sócrates africano. Mas o Rui Barbosa pôs uma lei no Senado pedindo para incluir os negros na escola porque vai ser difícil uma classe culta, e outra inculta, senão vai gerar confusões, choques ideológicos. O analfabeto vai ser apenas um. Não acertará as observações se for admitido como empregado. A sua cooperação e participação é mínima. Agora se ele for alfabetizado a sua cooperação será a máxima. O Rui Barbosa dizia: que era e é preciso educar e esclarecer os predominadores. Ele, sendo instruído, há de querer instruir os seus compatriotas. Um empregado bem instruído poderá substituir o patrão nos casos de emergências.

O Oswaldo Cruz também dizia: que temos que preparar os nossos homens e não importar os homens preparados. Antigamente o homem, para educar-se tinha que ir para Coimbra. Então educa-se uma minoria, quando, é o dever da pátria, educar a maioria.

Era assim, depois que eles ouviam o voto tinham algo para falar reprovando as discriminações. Era necessário uma modificação social. Os homens que iam visitá-lo eram o Sr. Manoel Soares, o Dr. José da Cunha, o Sr. José Afonso, o Sr. Manoel Nogueira. Eram os homens que liam o jornal, o Estado de São Paulo, e sabiam o que ocorria no mundo. Com os ricos espalhando o quanto que o vovô era inteligentíssimo, duplicou as visitas, todos queriam ouvir o vovô falar. E ele estava fraco. Estava morrendo, ia deixar este mundo para sempre. Os meus tios diziam: – Nós nunca apanhamos. Ele era bonzinho. Os filhos não haviam herdado nem um terço da inteligência do vovô. A minha mãe era a única que poderia herdar o ceptro intelectual do vovô. Mas a minha mãe não aprendeu a ler, enquanto português predominou no Brasil, o negro foi tolhido. As escolas não aceitavam os pretos. Mas o Rui Barbosa dizia que eles agindo assim implantariam o preconceito racial no Brasil, que um país com preconceito, é um país de raças medíocres. O Rui Barbosa dizia que deveriam conservar o negro na lavoura, que o Brasil deveria e deve ser apenas um país agrícola. Que é a agricultura que enriquece um país. Quando o Rui disse que o Brasil dá o trigo, foi criticado. E os portugueses apelidaram o Rui, de “o Dr. sabe tudo”. Porque o Rui dizia que os portugueses amavam o Brasil somente quando tinham o braço gratuito para trabalharem e enriquecê-los. Que após a libertação dos escravos eles abandonaram as fazendas infiltraram-se no comércio. Que o braço português na lavoura é contraproducente. Era uma confusão tremenda ao redor da casinha do vovô. Era quatro águas, mas coberta com capim. Só os ricos é que podiam ter casas cobertas com telhas. Os ricos iam visitá-lo porque compreendiam-no, os analfabetos iam por curiosidade. Mas aquelas visitas deixavam-no felicíssimo. Ele dizia revelando vaidade: os brancos e os pretos vêm me visitar. É a compreensão que já vem chegando e as raças que estão unindo-se. Creio que amanhã haverá mais luz e mais compreensões então não haverá desídia. O povo vão deixando de olhar a cor e olhará apenas as qualidades. Enquanto vivi procurei e esforcei-me para ser um bom homem e estas visitas que recebo é o comprovante que eles me compreenderam.

E eu pensava: O que será o Sócrates africano? Será que eles estão xingando o vovô? O vovô é bom, não faz mal a ninguém. Quando morre alguém, ele é quem

reza o terço. Quando não chove, ele reza para chover. Ele diz que a reza é o modo dos homens conversar com Deus.

Fui perguntar a minha mãe: – Mamãe! O que é Sócrates? Minha mãe estava nervosa, respondeu-me: – Vai amolar outro; vagabunda! Pensei: ela não quer me explicar, mas um dia hei de saber o que é Sócrates. Porque tudo o que eu presenciava e não compreendia eu guardava dentro da minha cabeça para esclarecer posteriormente. Compreendi que deveria armazenar as ocorrências na minha mente. A minha cabeça tem que ser semelhante a um cofre, o vovô chamou Siá Maruca, a mulher que convivia com ele, e disse-lhe:

– Maruca! Já completou doze anos que você convive comigo. Eu tive apenas duas mulheres na minha vida. A minha esposa, e você. Nestes doze anos que você conviveu-se comigo, você me respeitou. Te agradeço a tranquilidade que me proporcionaste. Me auxiliou a viver porque cuidava de mim. – Os profetas diziam: que se uma mulher conviver com um homem sete anos, ele tem o dever de desposá-la.

– Se a senhora não tiver nojo de um homem prestes a ser um defunto, eu peço-a: – Quer casar-se comigo? Siá Maruca sorriu, exibindo os seus dentes branquíssimos – Pois não, Senhor Benedito, o prazer é todo meu. Porque sempre foi o meu sonho ser a sua esposa. Mas esposa legítima. Creio que lhe devo inúmeras obrigações. O senhor foi o meu protetor nestes dias que vivi neste mundo. Eu vou sentir muita falta do senhor e também muitas saudades. O vovô reuniu os filhos e os netos para dizer-lhes que ia casar-se com Siá Maruca. E o casamento teria que ser realizado logo porque ele poderia morrer a qualquer momento. Minha mãe foi procurar o padre Pedro, para casá-los. E os comentários dominou a cidade. – Então eles não são casados? Mas a Siá Maruca é tão séria. Não dança. Não sai de casa. É uma mulher com noção de responsabilidade. E tão sensata! A Siá Maruca vestiu o vestido novo, penteou os cabelos, calçou os chinelos de veludo e perfumou-se. Quando o padre colocou as mãos cadavéricas do meu avô nas mãos da Siá Maruca, ela chorou. O padre confessou-o, casou-o e deu-lhe a extrema unção. O vovô disse: graças a Deus, já estou preparado para deixar o mundo. Pediu: se eu morrer, não esqueça de colocarem este rosário nas minhas mãos. Foi de minha mãe. Quero levá-lo para ela. Ele olhava a Siá Maruca e disse-lhe: sempre gostei de olhar o seu rosto, é o rosto da minha namorada e agora a minha esposa. Empreendem uma viagem de lua de mel, mas no nosso casamento eu vou viajar sozinho, vou viajar para a eternidade. O que será que estará a minha espera do outro lado. Não adianta ter medo de morrer porque temos que morrer mesmo. O mundo não é nosso. O homem passa por aqui. Siá Maruca chorava dizendo: creio que sou a única noiva que se casa sabendo que daqui uns dias vai ficar viúva. Vou ter que usar o vestido preto. O vovô pediu: não é preciso vestir o luto. O luto está é na alma, na saudade e no coração.

Uns dormiam, outros ficavam acordados vigiando o vovô quando ele disse: que desejava rever o meu tio Joaquim, que estava desaparecido há vários anos. Que luta! Nós, que desejávamos satisfazer-lhe todos os desejos, ficamos apavorados por não saber onde é que poderíamos localizar o tio Joaquim – “o Tiobem”. Mas, uma vizinha, por nome Dona Maria treme-treme, por causa de suas mãos que tremiam, diariamente, nos disse: que tinha possibilidades para fazer o Tiobem aparecer. Que deveríamos comprar uma peneira virgem, uma toalha virgem e um maço de velas para ela responsar com o Santo Antônio. Que no prazo de sete dias nos iríamos saber notícias do Tiobem. E o vovô nos pedia para não roubar que nossa família não tem ladrões. Que o homem pobre que rouba se empobrece muito

mais. O ladrão é renegado na sociedade, que eles são impiedosos. Que o ladrão é um vagabundo que tem preguiça de trabalhar. Que deveríamos adotar a honestidade como o nosso brasão. Os pretos analfabetos iam visitá-lo, saiam dizendo: “somente os homens que sabem ler é que podem compreender as palavras do Sr. Benedito”. Todos os dias circulava um boato – o Sr. Benedito morreu! E a casa superlotava-se. Os que iam visitá-lo deixavam dinheiro para nos auxiliar nos gastos. Eu pedia, rezava, implorando ao bom Deus para não deixar o vovô morrer. Mas ele estava já bem velho, oitenta e dois anos. Quando completou sete dias que a Dona Maria treme-treme nos havia dito, chegou uma carta de São Paulo. Era do meu tio, o Tiobem, nos relatando que havia sonhado com o vovô que estava despedindo-se dele, dizendo-lhe que ia empreender uma viagem. Que é uma viagem que todos haverá de ir um dia. Ele não sabia explicar se era um sonho ou se havia visto mesmo o vovô. Não compreendia, porque no sonho o vovô era mocinho, bem jovem. Que ele não poderia ir visitá-lo porque estava na penitenciária. Os tios comentavam: – então, o mano Joaquim está lá em São Paulo! – Eu logo vi que ele ia longe. Não é idiota igual a nós. Ele tem coragem de enfrentar o mundo. Eu ouvi dizer que lá em São Paulo todos arranjam serviço. Que os pobres e os ricos se confundem nos trajes. O homem que não trabalhar lá em São Paulo é porque é vadio mesmo. São Paulo é um estado que dá condição ao seu povo para viver. Não se vê paulistas andarilhos. Os homens ricos de São Paulo fazem fábricas para os pobres trabalharem. São Paulo é semelhante a uma gaiola que prende o seu próprio povo. O único estado do Brasil que é pai dos seus filhos é o estado de São Paulo. Dizem que todas as cidades do estado de São Paulo são calçadas. Já os outros estados, Minas, Goiás, Espírito Santo, Norte, Estado do Rio são os estados madrastras. Não vê os nossos mineiros ricos. Ainda têm as mentalidades atrasadas, que guardam o dinheiro dentro do colchão. Já os paulistas guardam o seu dinheiro nos bancos para render juros. O estado de Minas tem somente a fama de rico. Mas é uma riqueza que nós não vemos. Não é visível. É uma riqueza fantasma. É uma riqueza carochinha. – Era uma vez um estado rico! Creio que todos os estados do Brasil só ficarão adiantados, quando utilizarem São Paulo como o seu figurino.

As tias faziam projetos. Depois que o papai morrer, eu vou para o estado de São Paulo. E o mano Joaquim arranja serviço para mim, na penitenciária. Foram procurar a Lina, uma preta que sabia ler. Ela leu a carta para o vovô ouvir. O meu tio Candinho era o mais falador, o relação pública da família. Resolveu consolar o meu avô dizendo: – O senhor pode ficar tranquilo porque o tio Bem está muito bem lá em São Paulo. Ele é muito inteligente está empregado na penitenciária. “O meu avô disse-nos. – Vocês estão enganados. Ele está bem mal. A penitenciária é o local onde ficam os criminosos. Coitado do meu filho! Oh! Exclamamos. E cada um interrogava a si próprio: – O que será que ele fez! E começaram a falar nas péssimas qualidades do meu tio. Quando o vovô falava ninguém lhe contradizia, nem os doutores. Ficou comprovado que a mulher sabia responder mesmo. Já estava bem velha e ninguém procurou aprender com ela como é que responde. Eu ficava sentada ao lado do meu avô. Siá Maruca não deixava o vovô sozinho, acariciando suas barbas e os cabelos e dizendo-lhe: – o Sr. é tão bonito. E o vovô dizia: Hum. hum. Mas, não sorria. Quando os rins doíam ele desmaiava. Quando lhe diziam:

– Sr. Benedito porque é que o sr. não procura um curandeiro. Isto no sr. pode ser feito. – respondia: – Eu não creio no curandeiro. É os meus órgãos que já estão fracos. E já é hora deste relógio chamado coração parar.

Dia 27 de agosto de 1927 o meu avô faleceu. Eu ficava olhando o seu corpo gélido dentro do esquife. Já que não ia vê-lo. Olhava os seus lábios finos. O seu nariz afilado e a testa larga. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje.

Nós levamos o cadáver a pé até o cemitério. Quando eles colocaram o esquife na sepultura, eu jurei que haveria de saber o que era ser o Sócrates africano. Porque eu não queria que ele tivesse o nome impróprio para a sua pessoa. Ele não devia a ninguém. Nunca foi preso. Não brigava. Não bebia. Dizia que o homem deve estar sempre normal para saber conduzir-se. Era o meu dever defendê-lo, porque o vovô plantou lavouras para nos criar. Ele não comprava roupas novas. Usava as roupas velhas que ganhava dos ricos. Guardava o dinheiro para comprar remédios para os netos. Para mim, ele comprou um remédio para verme. O tiro certo. Que remédio ruim. Ele plantou pés de laranja. Nos levava para catar gabiobas, araticum, pitanga, jatobá e o veludo. Contava histórias para nós. Pensava: o vovô sim! Ele é que é um homem. Só depois que criou os filhos é que morreu.

Eu odiava o senhor José Afonso por dizer que o vovô seria o Sócrates africano se soubesse ler. Mas não podia xingá-lo, porque ele era o presidente de Sacramento e os que xingavam o presidente de Sacramento iam presos, e apanhavam. Pensava: se o vovô fosse branco e rico o senhor José Afonso havia de considerá-lo. Mas o vovô era preto e o preto não é o dono do mundo. E fui falar com a minha mãe.

Mamãe! Porque é que Deus não fez diversos mundos e poderia dar um mundo só para os pretos, outro para os brancos e outro para os amarelos. Porque viver os pretos, os brancos e os amarelos num só mundo? Quando aprendi a ler procurei saber o que era Sócrates. E deixei de odiar o Sr. José Afonso.

E o meu tio que estava na penitenciária, não procuramos saber o que ele havia praticado. Fiquei feliz em saber que o meu avô morreu ilibado. O seu nome Benedito José da Silva e tenho orgulho de acrescentar que ele foi o Sócrates analfabeto. Era impressionante a sapiência d'aquele homem. Eu tinha a impressão que o meu ilustre avô era semelhante a uma fita, unido a família como se fosse um bouquet de flores. Não havia desidencencia. Predominava a união. Enquanto o vovô esteve vivo, a sua casa parecia uma assembléia onde os predominadores discutiam as falhas do nosso povo. Se naquela época a nossa população era: a maioria analfabeta. E a minoria alfabetizada. Era um povo sem luz mental.

(Em: *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*, 1994, p. 190-196).

13 de maio. Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos.

...Nas prisões os negros eram os bodes expiatorios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.

Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair. ...Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada:

– Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim:

– “Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude catar papel. Agradeço, Carolina”.

...Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!

15 de maio. Tem noite que eles improvisam uma batucada e não deixa ninguém dormir. Os vizinhos de alvenaria já tentaram com abaixo assinado retirar os favelados. Mas não conseguiram. Os vizinhos das casas de tijolos diz

– Os políticos protegem os favelados.

Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais. O senhor Cantídio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xícaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Câmara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais.

...Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.

...A noite está tepida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido. Começo ouvir uns brados. Saio para a rua. É o Ramiro que quer dar no senhor Binidito. Mal entendido. Caiu uma ripa num fio da luz da casa do Ramiro. Por isso o Ramiro queria bater no senhor Binidito. Porque o Ramiro é forte e o senhor Binidito é fraco.

O Ramiro ficou zangado porque eu fui a favor do senhor Binidito. Tentei consertar os fios. Enquanto eu tentava concertar o fio o Ramiro queria espancar o Binidito que estava alcoolizado e não podia para em pé. Estava inconsciente. Eu não posso descrever o efeito do álcool porque não bebo. Já bebi uma vez, em caráter experimental, mas o álcool não me tonteia.

Enquanto eu pretendia concertar a luz o Ramiro dizia:

– Liga a luz, liga a luz sinão eu te quebro a cara.

O fio não dava para ligar a luz. Precisava emendá-lo. Sou leiga na eletricidade. Mandei chamar o senhor Alfredo, que é o atual encarregado da luz. Ele estava nervoso. Olhava o senhor Binidito com desprezo. A Juana que é esposa do Binidito deu cinquenta cruzeiros para o senhor Alfredo. Ele pegou o dinheiro. Não sorriu. Mas ficou alegre. Percebi pela sua fisionomia. Enfim o dinheiro dissipou o nervosismo.

16 de maio. Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer.

...Eu não ia comer porque o pão era pouco. Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão. Eu quando

estou com fome quero matar o Janio, quero enforçar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos.

17 de maio. Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava discontente que até cheguei a brigar com meu filho José Carlos sem motivo.

...Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. Penso: é assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados.

Não houve briga. Eu até estou achando isto aqui monotono. Vejo as crianças abrir as latas de linguiça e exclamar satisfeitas:

– Hum! Tá gostosa!

A dona Alice deu-me uma para experimentar. Mas a lata está estufada. Já está podre.

(*Quarto de despejo*, p. 29-31).

22 de maio. Eu hoje estou triste. Estou nervosa. Não sei se choro ou saio correndo sem parar até cair inconciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, e eu vou esquentar para os meninos. Cozinhei as batatas, eles comeram. Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no seu Manuel. Quando João chegou da escola eu mandei ele vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água mineral, 2 cruzeiros. Zanguei com ele. Onde já se viu favelado com estas finezas?

...Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro.

Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado.

Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela.

...O dinheiro não deu para comprar carne, eu fiz macarrão com cenoura. Não tinha gordura, ficou horrível. A Vera é a única que reclama e pede mais. E pede:

– Mamãe, vende eu para a Dona Julita, porque lá tem comida gostosa.

Eu sei que existe brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver os meus filhos passar fome fui pedir auxílio ao propalado Serviço Social. Foi lá que eu vi as lagrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia com que são tratados os pobres. A unica coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres.

Fui no Palacio, o Palacio mandou-me para a sede na Av. Brigadeiro Luís Antonio. Avenida Brigadeiro me enviou para o Serviço Social da Santa Casa. Falei com a Dona Maria Aparecida que ouviu-me e respondeu-me tantas coisas e não disse nada. Resolvi ir no Palacio e entrei na fila. Falei com o senhor Alcides. Um homem que não é niponico, mas é amarelo como manteiga deteriorada. Falei com o senhor Alcides:

– Eu vim aqui pedir um auxilio porque estou doente. O senhor mandou-me ir na Avenida Brigadeiro Luís Antonio, eu fui. Avenida Brigadeiro mandou-me ir na Santa Casa. E eu gastei o unico dinheiro que eu tinha com as conduções.

– Prende ela!

Não me deixaram sair. E um soldado pois a baioneta no meu peito. Olhei o soldado nos olhos e percebi que ele estava com dó de mim. Disse-lhe.

– Eu sou pobre, porisso é que vim aqui.

Surgiu o Dr. Osvaldo de Barros, o falso filantropico de São Paulo que está fantasiado de São Vicente de Paula. E disse:

– Chama um carro de preso!

23 de maio. Levantei de manhã triste porque estava chovendo. [...] O barraco está numa desordem horrivel. É que eu não tenho sabão para lavar as louças. Digo louça por hábito. Mas é as latas. Se tivesse sabão eu ia lavar as roupas. Eu não sou desmazelada. Se ando suja é devido a reviravolta da vida de um favelado. Cheguei a conclusão que quem não tem de ir pro céu, não adianta olhar pra cima. É igual a nós que não gostamos da favela, mas somos obrigados a residir na favela.

...Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para eles.

Antigamente era a macarronada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Vocês que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. Quem não nos despresou foi o fubá. Mas as crianças não gostam de fubá.

Quando puis a comida o João sorriu. Comeram e não aludiram a cor negra do feijão. Porque negra é a nossa vida. Negro é tudo que nos rodeia.

...Nas ruas e casas comerciais já se vê as faixas indicando os nomes dos futuros deputados. Alguns nomes já são conhecidos. São reincidentes que já foram preteridos nas urnas. Mas o povo não está interessado nas eleições, que é o cavalo de troia que aparece de quatro em quatro anos.

...O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há várias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe.

A Theresa irmã da Meyri bebeu soda. E sem motivo. Disse que encontrou um bilhete de uma mulher no bolso do seu amado. Perdeu muito sangue. Os médicos diz que se ela sarar ficará imprestável. Tem dois filhos, um de quatro anos e outro de nove meses.

(*Quarto de despejo*, p. 39-42).

Retorno à cidade**

Achei horroroso ter que comprar um quilo de arroz, um quilo de feijão. Por que é que nós não podíamos ter terras para plantar, e não podíamos comprar? Na cidade era horrível a convivência com aquelas pessoas que não se respeitavam. E havia briga todos os dias, com a interferência dos policiais que espancavam os rixentos. Aquele povo não mudava os seus hábitos, que eram trabalhar, beber e dançar. Que saudades da vida ridente do campo! Recordava quando a mamãe torrava farinha. A água acionando um monjolo. Quando fazíamos o pão, com vinte ovos para ficar macio. Tudo era preparado com leite. Tinha saudades da minha enxada. Sentia saudades dos calos nas minhas mãos. Do cavalo, o Maçarico. O amanhã não me preocupava. Não era nervosa, porque vivia com fartura em casa.

Na roça não havia distrações, mas não existia o sofrimento. Mas para que sonhar se as terras não eram nossas? O meu padrasto estava triste porque aquela agitação diária nos aborrecia. A nossa casa era um entra-e-sai. Meus primos os seus amigos e outros intrusos.

Conseguimos trabalho no sítio do japonês, o Napoleão, para carpir arroz. Eu ganhava três mil-réis, o meu padrasto cinco mil-réis. Recebíamos aos sábados. Comprávamos dez quilos de arroz e feijão. Fomos suportando aquela vida. Minha mãe lavava roupa para os ricos.

Por infelicidade minha, minhas pernas ficaram cheias de feridas. Cozinhava ervas para banhar as pernas, e as feridas não cicatrizavam. Fiquei apavorada quando terminou a colheita. Com as pernas cheias de feridas, não podia trabalhar nos serviços domésticos. E viver dependendo do meu padrasto e da minha mãe era uma agonia para mim.

Um dia, apareceu um preto procurando empregado para trabalhar na lavoura de café no estado de São Paulo. O senhor Romualdo aceitou. Reunimos oito pessoas porque íamos carpir café. Era necessário várias pessoas.

Embarcamos numa segunda-feira. Na estação de Restinga, uma carroça estava nos esperando. Eram onze horas quando chegamos à fazenda Santa Cruz. O proprietário era o senhor Oliveira Dias, o Loló. Dormimos no solo como animais, porque os nossos cacos estavam na estação. De manhã o meu padrasto foi retirá-los.

O administrador era um mulato, José Benedito. Deu uma casa para nós morarmos. Tinha luz elétrica só na casa do fazendeiro. Na frente de sua casa, tinha um cruzeiro iluminado com luz elétrica. Ficava no topo da estação de Restinga, viase o cruzeiro à noite.

Não tínhamos permissão para plantar. O fazendeiro nos dava uma ordem de cento e cinquenta mil-réis para fazermos compras num armazém lá em Restinga. Tínhamos que andar quatro horas para ir fazer as compras, o dinheiro não dava. Comprávamos feijão, gordura, farinha e sal. Não tomávamos café por não ter açúcar. Não tinha sabão para lavar a roupa de cama. Que fraqueza!

Serviço tínhamos demais até, comida pouquíssima. No fim do ano, ele fazia um baile numa casa que eles diziam ser a fazenda velha. Comprava chope. Dava roupas velhas para os colonos. Até escovas de dentes usadas. Eu ficava olhando e pensando: “Isto é injustiça.”

** Neste capítulo do *Diário de Bitita*, Carolina Maria de Jesus discorre sobre suas agruras de adolescente acossada pela pobreza e pela fome. Escrito após a publicação de *Quarto de despejo*, o texto volta ao passado para tratar do período anterior à vinda da autora para a capital paulista.

O meu padraço era triste, todos os colonos eram tristes. Depois do almoço, o Loló ia percorrer a fazenda e ver se os colonos estavam trabalhando e contava.

- Está faltando um, por que é que ele não veio trabalhar?
- Está doente.
- Aqui na minha fazenda é proibido adoecer.

Montado num cavalo preto e roendo as unhas, nos olhava reclamando que o nosso serviço não rendia. Na presença dele, nós carpíamos mais depressa. Quando ele saía, nós sentávamos porque estávamos fracos.

No quintal da fazenda tinha verduras, vacas de leite. Ele vendia para os colonos. Quando alguém ia procurá-lo para acertar as contas, ele dizia:

- Vocês estão me devendo.

Se pedíamos vale, recriminava:

- Eu só vejo vocês comer, não vejo serviço.

A Dolores, minha prima, arranhou serviço em Franca. Minhas feridas cicatrizaram, eu fui trabalhar na cidade. Empregada doméstica. E estava contente. O meu padraço fugiu, fomos buscar a minha mãe e o Adãozinho, o filho de minha tia, que havia falecido com barriga-d'água. Foi por sofrer muito nas fazendas que escrevi uma poesia: "O colono e o fazendeiro."

O pobre, não tendo condição de viver dentro da cidade, só poderia viver no campo para ser espoliado. É por isto que eu digo que os fornecedores de habitantes para as favelas são os ricos e os fazendeiros. Se eles consentissem que plantássemos feijão e arroz no meio do cafezal, eu até voltaria para o campo. A terra onde está plantado o café é fértil, é adubada. O feijão dá graúdo, e o arroz também.

Eu não gosto dos fazendeiros da atualidade. Gostava dos fazendeiros da década de 10 até 1930. Que incentivavam o pobre a plantar. Não expulsavam o colono de suas terras.

Atualmente eles fazem assim: dão as terras para os colonos plantarem; quando vai-se aproximando a época da colheita, o fazendeiro expulsa o colono e fica com as plantações e não paga nada para o colono.

O fazendeiro tem uma atenuante:

- As terras são minhas, eu pago imposto. Sou protegido pela lei.

É um ladrão legalizado. E o colono vem para a cidade. Aqui ele transformase. O homem simples não sabe mais amainar a terra. Sabe trabalhar na indústria que já está enfraquecendo. E as fazendas também.

Atualmente, há uma minoria para trabalhar na lavoura e uma maioria para consumir. Mas o povo miúdo lutou muito para ver se conseguia viver na lavoura. São incriticáveis. O país que tem mais terras no globo é o Brasil; portanto, o nosso povo já deveria estar ajustado.

(*Diário de Bitita*, p. 137-140).